Mircea Eliade e a valorização do imaginário religioso

Sérgio Cesar Prates de Almeida*

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa é abordar o pensamento de Mircea Eliade sobre a valorização do imaginário religioso. Para isso iniciaremos com uma abordagem sobre o conceito de imagem e sua importância como ferramenta de comunicação, posteriormente trataremos sobre o poder da imaginação e seu relacionamento com as imagens, para finalmente destacar as principais características do tema sugerido. Com esta finalidade, destacamos como referencial teórico a obra de Mircea Eliade, *Imagens e Símbolos*, entendendo ser nela onde ele imprimiu suas mais esclarecedoras considerações acerca do assunto proposto aqui.

Plavras-chaves: Mircea Eliade; imagem; imaginação; imaginário religioso; símbolo.

MIRCEA ELIADE AND THE ENHANCEMENT OF THE RELIGIOUS IMAGINARY

ABSTRACT

The objective of this research is to address Mircea Eliade's thought on the enhancement of the religious imaginary. For this we will discuss on the concept of image and its importance as a communication tool. Then, we will deal with the power of imagination and its relation to images. Eventually, we will highlight the book *Images and Symbols*, by Eliade, as a theoretical reference to considerations on the subject proposed here.

Key-words: Mircea Eliade; image; imagination; religious imaginary; symbol.

* Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo.

Introdução

É evidente a concordância de opiniões em relação ao impacto do pensamento de Mircea Eliade para os estudos das religiões. Como reação imediata a esta afirmação surge a seguinte pergunta: Quais foram os principais motivos que levaram Eliade a tal condição? É com o objetivo de encontrar respostas que este artigo é desenvolvido.

Como historiador das religiões e fenomenólogo Eliade rompe com o seu tempo recusando o método positivista, que entendia as religiões e suas inúmeras manifestações de um ponto de vista puramente histórico, e assume seu posicionamento anti-historicista, enfatizando a importância do fenômeno religioso buscando entender o significado deste através daqueles que o percebem.

Eliade passa a valorizar o imaginário religioso que fundamenta as religiões e busca recuperar o valor das imagens, da imaginação e do símbolo religioso.

Com o objetivo de entender melhor esta questão iniciaremos nosso trabalho abordando o conceito de imagem e sua importância como poderosa ferramenta de expressão e comunicação.

Em seguida discutiremos o poder da imaginação e a importância exercida por ela sobre as imagens.

Por fim, fazendo uso da obra de Mircea Eliade "Imagens e Símbolos", entendendo ser nela onde ele imprimiu suas mais esclarecedoras considerações acerca do assunto proposto aqui, buscaremos entender quais foram os principais motivos que levaram Eliade a valorizar de maneira tão contundente o imaginário religioso.

O conceito de imagem

Desde o início da humanidade a imagem é algo presente do cotidiano do homem. Este a fim de expressar suas faculdades imaginativas desde épocas remotas deixou impresso, mensagens, representações (imagens) daquilo que queria transmitir.

Como um poderoso instrumento de transmissão de informação a imagem é versátil e de inúmeras utilizações.

Acerca de sua versatilidade Matilde Joly ao tratar sobre o tema traça uma analogia ao deus grego do mar "Proteu", que tinha o poder de assumir todas as formas que desejasse, e assim ela expressa:

> Parece que a imagem pode ser tudo e seu contrário – visual e material, fabricada e "natural", real e virtual, móvel e imóvel, sagrada e profana, antiga e contemporânea, vinculada a vida e a morte, analógica, comparativa, convencional, expressiva, comunicativa, construtora e destrutiva, benéfica e ameaçadora. (JOLY, 2013, p. 27)

Quanto a suas inúmeras formas de utilização podemos perceber que imagens podem ser empregadas como as imagens desenhadas nas pedras nos tempos do paleolítico; no campo da arte através de: afrescos, pinturas, desenhos, filmes, fotografia; imagens modernas como as cientificas nos campos da astronomia à medicina, da matemática à meteorologia, da geodinâmica à física e à astrofísica, da informática à biologia; as novas imagens mais conhecidas como imagens de síntese que são aquelas produzidas por computador como hologramas, videogames que tem o poder de navegar do real para o virtual ; as corriqueiras imagens da mídia televisiva e publicitária; e como não poderia deixar de fazer parte desta lista as imagens psíquicas, como os sonhos, as imagens mentais e imaginativas e por fim as imagens religiosas como formas de manifestação do sagrado, (*Ibid*. p. 14-27)

Ao analisarmos todas as considerações feitas até então, podemos perceber a priori que não se trata de uma tarefa muito fácil conceituar o que é imagem. Mesmo ciente disso Joly se arrisca a trazer a seguinte definição para nós:

> Compreendemos que indica algo que, embora nem sempre remeta ao visível, toma alguns traços emprestados do visual e, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz ou reconhece. (*Ibid*. p. 13)

Imagem, portanto é algo produzido por um sujeito através de um processo de representação, ou seja, é o produto final do objeto que ele representa de acordo com certas leis específicas.

Outra definição que merece destaque é a apresentada pelo neurologista Antônio Damásio:

> Imagem designa um padrão mental em qualquer modalidade sensorial, como por exemplo, uma imagem sonora, uma imagem tátil, a imagem de um bem-estar. Essas imagens comunicam aspectos das características físicas do objeto e podem comunicar também a reação de gostar ou não

> gostar que podemos ter em relação a um objeto, os planos referentes a ele que podemos ter ou a rede de relações desse objeto em meio a outros objetos. (DAMÁSIO, 2000, p. 25)

É evidente que Damásio por ser um neurologista traz uma abordagem mais técnica e voltada para seu campo de atuação, mas o que serve de destaque para nós é a mesma ideia explicita por Joly: a imagem é o produto da relação de um objeto feita por um sujeito em um processo de representação.

Sendo assim, a imagem não se limita ao que ela prefigura, ela vai além do figurativo e abstrato, do visível e o invisível. Ela exerce esse poder por ser ao mesmo tempo, imitação e invenção do modelo que representa. Ela é sempre referencial remetendo ao original que ela substitui. Tem o poder de testemunhar tanto a presença quanto a ausência do original que ela representa (HIGUET, 2012, p. 74)

Malena Contrera e Norval Baitello em seu artigo: *"Na selva das imagens: algumas contribuições para uma teoria da imagem na esfera das ciências da comunicação"* ao fazerem uma leitura da obra de Antonio Damásio *"O mistério da consciência"* nos chama atenção para algo interessante. Podemos entender o conceito de imagem como sinônimo de representação e essa representação não deve ser entendida como uma mera reprodução de um objeto percebido pelos sentidos, mas vai além disso, é uma construção cognitiva. Existe um fluxo de mão dupla entre a motivação interna do sujeito e a captação externa do objeto (p. 117)

Sendo assim, percebemos a importância de ao interpretarmos as imagens ter em consideração duas abordagens: um olhar sobre o imaginário de quem produz a imagem e o outro sobre a recepção de quem recebe essa imagem.

Com todos esses apontamentos podemos considerar a imagem como linguagem, como uma poderosa ferramenta de expressão e comunicação.

O homem e o poder da imaginação

O que podemos afirmar, tendo como base o que abordamos até aqui, é que as imagens têm um valor em si mesmas e isso se dá principalmente pelo poder que elas possuem de transmitir informações que

não podem ser produzidas em palavras. As imagens são ferramentas poderosíssimas de comunicação.

Por outro lado, para que esse poder intrínseco nas imagens possa ser manifesto é necessário que elas sejam "consumidas" pelo poder da imaginação. Em outras palavras podemos dizer que o poder de comunicação das imagens não é possível (ou na melhor das hipóteses poderíamos dizer limitado) sem a relação que estas têm com o imaginário.

É evidente que não podemos desassociar a ideia de que ambos (imagem – imaginação) são elementos antropológicos.

Christoph Wulf ao discutir sobre esta questão nos afirma que o poder da imaginação é parte integrante da condição humana, e continua dizendo:

> Vemos imagens como imagens e as coisas representadas nelas como objetos de representação icônica. Ao mesmo tempo, vemos a referência que elas fazem a um mundo fora das imagens. O que vemos como uma imagem se refere a um exterior que está relacionado com o que é representado. Algumas vezes essa relação é mágica, algumas vezes é de semelhança, outras de causalidade. Essa sobreposição de diferentes imagens em nossa percepção é a consequência do poder da imaginação. Somente o poder da imaginação torna o nosso olhar sobre as imagens possível e permite que as imagens retornem para esse olhar. (WULF, 2013, p. 25)

Podemos perceber que as imagens possuem dois planos de representação. O primeiro, percebido logo de imediato, faz referência a um exterior representado icônicamente. O segundo, por sua vez, nos remete a uma representação transcendente da imagem exposta exteriormente. Ambos planos de representação em relacionamento com a imaginação, suscitam novas imagens que serão compreendidas dentro do campo de significação que estão inseridas.

Esse dinamismo que compõe toda a questão da imagem só se torna autêntico e vivo quando associado ao poder que a imaginação tem de romper com o plano exterior e adentar no mundo fora das imagens.

Ao discutir sobre a imagem e a imaginação Rose de Melo Rocha em seu artigo: *"Morin e Flusser: a teoria da imagem como aventura antropológica e matemática imaginária"* (cf. pag. 75-76) nos traz alguns apontamentos interessantes feitos sobre o pensamento do an-

tropólogo Edgar Morin dos quais acredito serem interessantes para a nossa abordagem.

Ela inicia com a afirmação de Morin que: seria impossível pensar o homem e sua trajetória de fazer mundo sem considerar o momento fundante no qual começamos a produzir e consumir imagens. Tal afirmação não nos traz nada de novo, mas simplesmente fundamenta o que já estamos dizendo. O que passa a ficar interessante para nós é o que ela nos diz em sequência.

Nos afirma que segundo Morin a capacidade do homem de imaginar e produzir imagens está intrinsicamente ligado a busca constante deste de enfrentamento da morte, de libertação e angústia. A maneira de lidar coma a questão da morte está ligada a um processo e a um progresso. O processo seria os meios que o homem usa para representar tal situação de morte. Esse processo é composto de três partes (gestos): enterrar, adornar e representar. Já o progresso está na consciência de tempo que adquirimos com este processo.

A percepção que podemos ter com tais afirmações é que o homem diante de situações que fogem do ambiente do real faz uso de imagens para trazer significado a tal situação.

A ideia coletiva de transcendência que está embutida no conceito de morte torna tal ambiente em um lugar muito propício para a produção de imagens imaginárias. Crânios, esqueletos, cadáveres, funerais e outros, passam a ser representações icônicas e que trazem significação.

A ausência como fator mais relevante na morte, é suprida pela presença da imagem. A imagem passa a ter a função de substituição do vazio.

> A imagem faz algo aparecer que não está na imagem, mas que pode aparecer somente como imagem. [...] a fantasia é o poder da imaginação de fazer algo aparecer na imagem que não está, e ao fazê-lo cria a esfera da estética. [...] Aquilo que vemos em uma imagem não são apenas formas, cores e composição, ou seja, seus elementos icônicos; o que vemos *em* uma imagem é aquilo que vemos *como* uma imagem. Ver *em* e ver *como* é possível pela fantasia, pelo poder criativo da imaginação que faz o mundo aparecer e que, portanto, é fundamental para a relação do homem com o mundo (WULF, 2013, p. 27)

A dor da ausência e a busca por respostas são substituídas por imagens. A imaginação tem o poder de transpor o transcendente para o imanente criando imagens que preenchem o vazio. Por outro lado, a imaginação nos traz memórias e projeções de futuro sempre acompanhadas de imagens.

Caminhando para o desfecho desse tópico podemos verificar que o homem tem uma característica intrínseca, que é a habilidade que possui de criar imagens pelo poder da imaginação e o quanto a imaginação é importante para tornar dinâmica e viva uma imagem.

Portanto, algo ainda precisa ser dito, pois terá importância na proposta desse trabalho.

As imagens criadas pelo homem são de duas formas: externas e internas.

As imagens externas são aquelas que o homem produz fora do seu corpo e usando vários meios externos para isso. Podemos afirmar que toda imagem concreta (material, visível) é uma imagem externa.[1]

Por sua vez, as imagens internas/interiores são aquelas produzidas pela consciência do homem.

Já vimos que a imaginação do homem tem o poder de transpor uma imagem do mundo externo para o transcendente. Essa mesma imaginação tem o poder de transpor o mundo externo para dentro da consciência.

Esse processo é iniciado pela percepção do homem. É ela que nos possibilita gerar imagens dentro de nós. É nos percebendo que nos inserimos no ambiente histórico-cultural de nossos relacionamentos seja com objetos materiais ou com seres humanos. Através dessa simulação de mundo que as imagens passam existir dentro de nós. O mundo das imagens interiores de um sujeito social é determinado pelo imaginário coletivo que ele está inserido (WULF, 2013, p. 35-36)

O ambiente em que o homem está inserido é fator determinante para a construção do seu imaginário. Passaremos a analisar o quanto isso foi importante para o pensamento de Mircea Eliade.

[1] Faço esse breve apontamento por entender que este tópico em si tem menos importância para a proposta deste trabalho. Para maiores detalhes cf. WULF, p. 28-35

Eliade e o imaginário religioso

O filósofo e historiador das religiões Mircea Eliade surge em um período de efervescência e grandes mudanças conceituais. O século XX começou a levantar queixas contra o positivismo e o cientificismo que vinham ditando as regras sobre os campos do pensamento moderno desde o iluminismo.

Os trabalhos de Freud e posteriormente Jung na área da psicologia haviam deixado um legado, um grande interesse pela imaginação do homem carregada de imagens e símbolos.

Essa forte ênfase ao pensamento simbólico foi uma das grandes bases de sustentação dos estudos de Eliade acerca da religião.

O positivismo até então, estudava as religiões de uma maneira puramente histórica. Eliade propõe então um rompimento com esse pensamento afirmando que a melhor maneira de se estudar religião é dando ênfase a sua verdadeira essência que é transcendente e simbólica. Não faz sentido estudar as religiões enclausurando-as em um período histórico, pois o pensamento simbólico contido nas religiões faz com que estas transcendem para fora do seu ambiente cultural em que estão inseridas.

Eliade nos afirma que o símbolo, o mito e a imagem pertencem à substância da vida espiritual, e que às vezes pode-se até camuflá-los, mutilá-los, decapitá-los (como fez o processo de dessacralização do homem moderno), mas nunca se pode extirpá-los (ELIADE, 1979, p. 12)

É essa valorização dada por Eliade as imagens, a imaginação e o símbolo no pensamento religioso que iremos abordar a partir de agora.

Segundo Eliade o pensamento simbólico precede a linguagem e a razão discursiva, pois o símbolo revela certos aspectos da realidade que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos e os mitos têm o poder de revelar verdades secretas do ser. Eles transportam o ser humano condicionando em seu mundo para o mundo espiritual muito mais amplo. (*Ibid*., p. 13-14)

O mundo histórico da vida consciente prende o homem em um campo de significação limitado. O mundo simbólico inconsciente, por ser mais rico e mítico amplia este campo de significação.

Especificamente sobre as imagens Eliade nos diz:

> Traduzir as imagens em termos concretos, é uma operação destituída de sentido: as imagens englobam, sem dúvida, todas as alusões ao concreto, mas o real que elas procuram significar não se deixa esgotar por tais referências ao concreto [...] as imagens são, pela sua própria estrutura, multivalentes. Se o espirito utiliza as imagens para aprender a realidade última das coisas, é justamente porque esta realidade se manifesta de uma maneira contraditória e por conseguinte não poderia ser expressa por conceitos (*Ibid*., p. 15-16)

As imagens têm muito mais a nos transmitir além do que está manifesto no aspecto concreto. Limitá-las a tal aspecto é mutilar sua gama de significados.

> É pois a imagem como tal, na qualidade de feixe de significações, que é verdadeira, e não uma só das suas significações ou um só dos seus numerosos pontos de referência. Traduzir uma imagem numa terminologia concreta, reduzindo-a a um só dos seus planos de referência, é pior do que mutilá-la: é aniquilá-la, anulá-la como instrumento de conhecimento (Ibid., p. 16)

Nisto consiste o erro das abordagens positivistas sobre as histórias das religiões que limitam toda a dialética da imagem reduzindo-a a um único grande símbolo religioso.

A riqueza das imagens está no fato delas expressarem muito mais do que poderia exprimir as palavras do ser humano que as experimenta. A dessacralização através de uma linguagem analítica sobre as imagens dissecam tal riqueza e impede o homem de alcançar o que de mais essencial existe. As imagens passam por um processo de degradação.

Eliade nos adverte que por mais que o homem moderno esteja mergulhado neste ambiente de imagens distorcidas/limitadas e esteja propício a desprezar as mitologias e teologias, ele não consegue se desvencilhar disto. O pensamento simbólico é algo consubstancial no homem. Ele usa como exemplo o advento da segunda guerra mundial para ilustrar sua afirmação:

> A mais terrível crise histórica do mundo moderno – a segunda guerra mundial e tudo o que ela desencadeou com e após ela – demonstrou suficientemente que a extirpação dos mitos e dos símbolos é ilusória. Mesmo na situação histórica mais desesperada (nas trincheiras de Estalinegrado, nos campos de concentração nazista e soviéticos) homens e mulheres

> cantaram romanzas, ouviram histórias (chegando a sacrificar uma parte da sua magra ração para os obterem); estas histórias não faziam mais que substituir os mitos, estas romanzas estavam carregadas de nostalgia. Toda essa porção, essencial e imprescritível do homem que se chama imaginação voga em pleno simbolismo e continua a viver de mitos e de teologias arcaicas. (Ibid., p. 19-20)

O poder que o homem tem de imaginar o faz gozar da riqueza de ver o mundo em sua totalidade e não nos limites do concreto. O homem sem imaginação está fadado a ruina de se isolar em sua realidade limitada.

Mergulhado em uma cultura positivista que entendia a vida simbólico-religiosa da humanidade arcaica como um aglomerado de superstições produzidas por medos ou ignorância de uma mente primitiva, não era por menos que Eliade buscasse uma valorização do imaginário religioso, por entender que ao invés de ter todas essas características pejorativas, era a forma ideal para que o homem criasse uma consciência existencial do mundo e de si mesmo.

Pensar mitologicamente, mesmo que carregado de imagens e símbolos, é refletir de maneira coerente a realidade. Isso se fundamenta porque tal realidade só é explorada plenamente quando se consegue atingir os significados que ela possui além da sua manifestação concreta, e isso está restrito ao campo simbólico.

Considerações finais

No objetivo de encontrar respostas acerca do que levou Eliade a valorizar o imaginário religioso em um período onde tal pensamento era descredibilizado entendemos por bem iniciar uma discussão sobre o conceito de imagem. Com isso concluímos que imagem, portanto é algo produzido por um sujeito através de um processo de representação, i.e., é o produto final do objeto que ele representa de acordo com certas leis específicas.

Percebemos que essas imagens podem ser concretas e abstratas, visuais ou mentais e apesar destas diferentes aplicações algo elas possuem em comum, são analogias feitas a alguma coisa, é sempre algo que se assemelha a outra coisa. Se ela se assemelha a alguma coisa é

porque certamente ela não é a própria coisa, seu papel, portanto é evocar algo, anunciar as características do que ela representa.

Sendo assim, a imagem não se limita ao que ela prefigura, ela vai além do figurativo e abstrato, do que está revelado e do que está oculto. Ela exerce esse poder por ser ao mesmo tempo, imitação e invenção do modelo que representa, que quer evocar.

Podemos verificar que as imagens possuem dois planos de representação. O primeiro é o exterior representado icônicamente e que é percebido logo de imediato. O segundo nos conduz a uma representação transcendente da imagem exposta exteriormente.

Vimos o quanto a imaginação é importante no processo de revelar o que as imagens querem anunciar através de suas analogias. O poder de comunicação das imagens só é explorado quando estas se relacionam com a imaginação. A imaginação é o que nos dá a possibilidade de perceber as diferentes sobreposições de diferentes imagens e analisá-las. É nesse relacionamento entre imagem e imaginação que novas imagens serão suscitadas e compreendidas dentro de seus respectivos campos de significação, pois é a imaginação que rompe com os limites entre o real e o abstrato.

A percepção que podemos ter é que o homem diante de situações de conflito que foge do ambiente do real faz uso de imagens para trazer significado a tal situação. A cultura em que o homem está inserido, a ideia coletiva sobre questões transcendentes são ambientes propícios para a produção de imagens e estas tem a função de suprir uma ausência. Fazendo uso do poder da imaginação o homem transporta seu ambiente cultural para dentro de sua consciência gerando novas imagens internas que serão determinantes para que o homem traga sentido a sua existência.

É com base nisso que Eliade propõe então um rompimento com o pensamento positivista passando a valorizar o poder da imagem, da imaginação e do símbolo no pensamento religioso. Não faz sentido estudar as religiões pela ótica positivista que a limitava a um período histórico, pois o pensamento simbólico contido nas religiões faz com que estas transcendem para fora do seu ambiente cultural.

Esse mundo histórico, valorizado pelo pensamento positivista coloca o homem mergulhado em um ambiente de significação limitado

passando a produzir imagens distorcidas. O mundo simbólico por sua vez, por ser mítico torna vasto o campo de significação.

O objetivo de Eliade era explorar a realidade plenamente e segundo ele isso só é possível quando se consegue atingir os significados representados por ela além do que está manifesto concretamente e tal ofício está restrito ao campo do simbólico. Por isso, para Eliade pensar mitologicamente é refletir de forma coerente a realidade.

É mergulhado nessas percepções que Eliade constrói suas argumentações para defender o conceito de mito como realidade, mas isso é assunto para uma nova discussão.

Referências

CONTRERA, Malena Segura, BAITELLO JR, Norval. *Na selva das imagens*: Algumas contribuições para uma teoria da imagem na esfera das ciências da comunicação. Significação, v. 33, n. 25, 2006. Disponível em:

http://www.revistas.usp.br/significacao/article/viewFile/65623/68238

Acesso em: 22/07/2015

ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. Lisboa: Arcádia, 1979.

HIGUET, Etienne Alfred. "Interpretação das imagens na teologia e na ciências da religião". In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (ed.) *Linguagens da Religião*: desafios, métodos e conceitos centrais: Anptecre/Paulinas, São Paulo, 2012.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. 14ºed: Papirus, São Paulo, 2013.

ROCHA, Rose M. *Morin e Flusser*: a teoria da imagem como aventura antropológica e matemática imaginária. Galaxia (São Paulo, Online), n. 25, p. 74-84, jun. 2013. Disponível em: http://revistas.pucsp.be/index.php/galaxia/article/viewFile/10650/11397

Acesso em: 16/07/2015

WULF, Christoph. *Homo Pictor*: Imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado. Hedra, São Paulo, 2013.